

MULHER RURAL

Mãos que alimentam gerações

EVELINA MUCHANGA

CAROLINA Cossa é uma idosa cuja idade desconhece. Levanta-se ao raiar do sol, caminha 22 quilómetros em cerca de quatro horas (ida e volta) para se fazer à sua machamba, onde cultiva hortícolas e tubérculos para o seu sustento e o da sua família.



Mulheres rurais expõem o que melhor conseguem produzir na machamba

Plantar e garantir o crescimento destes produtos não tem sido fácil para esta mulher e outras que vivem no distrito de Magude, devido à escassez da água. Queixam-se de perder culturas não só por causa da falta de água, mas também porque são consumidas por animais (bois e cabritos) que invadem as machambas.

"Saio de casa (vila de Magude) às 4.00 horas e chego à machamba (localidade de Mulelemane) às seis da manhã. Trabalho até

ao período da tarde, mas sou obrigada a permanecer até ao final do dia para afugentar bois e cabritos que têm consumido as nossas culturas", disse.

Carolina é camponesa desde a juventude. Criou os sete filhos com os frutos que colhia da machamba. Porém, nos últimos anos ela revela passar dificuldades para se sustentar porque não tem meios para tirar a água do rio e irrigar os campos.

Desde que é agricultora esta idosa diz que nunca recorreu a nenhum empréstimo financeiro

para garantir a produção na machamba, não por falta de vontade e da inexistência de oportuni-

dades para tal, mas receia não conseguir pagar a letra e por via disso perder os seus bens.

"Não temos hábito de ir ao banco solicitar empréstimos porque o nosso trabalho é de risco.

Terra só para quem produz

O GOVERNO da Província de Maputo fará tudo o que for necessário para garantir que a população faça o uso da terra para acabar com a fome e a pobreza.

A garantia foi dada sábado último pelo governador local, Raimundo Diomba, falando no âmbito do Dia Internacional da Mulher Rural.

Diomba explicou que estão

sendo reforçadas medidas para obrigar aos cidadãos que têm licença para o uso da terra a aproveitá-la, de facto, para produzir.

"Se não conseguirem então

teremos de tirar o direito a esses cidadãos e dar a outros que necessitam da terra para acabar com a fome. Não podemos sofrer enquanto temos terra", disse.

O governador fez saber que o Executivo local está ciente das dificuldades que a população de Magude tem tido devido à escassez da água, resultante da falta da chuva, tendo explicado, que a Organização Internacional de Migração tem apoiado no fornecimento de água no posto administrativo de Mahele.



O carvão como alternativa



Matilde Nhalungo recorre ao carvão para sobreviver à seca

SE antes as mulheres rurais dependiam da agricultura para o sustento das suas famílias, hoje algumas mudaram de actividade devido à seca. Muitas, as que ainda têm forças, recorrem à produção em pequena escala de carvão vegetal para a venda.

É uma alternativa descrita por Matilde Nhalungo como sendo difícil de se executar, pois requer o uso da força. "Se não tens dinheiro para pagar alguém para abater a árvore tens que pegar em catanas e fazer o trabalho ou queimar a base da árvore até cair", explicou.

Em duas semanas esta mulher, cuja idade desconhece, consegue três a quatro sacos de carvão, que vende a 200,00 meticais cada. Com o valor Matilde e outras mulheres compram farinha, arroz e vegetais para alimentar as suas famílias.

"Muitas de nós somos viúvas e solteiras. Não temos muitas hipóteses para sobreviver à

seca", referiu. Contudo, diz que tem recebido ajuda dos filhos sempre que necessário.

Margarida Ubisse, outra camponesa, revelou-nos que a seca está a colocar muitas mulheres de Magude na desgraça e na dependência, pois elas sabem cultivar a terra para plantar milho, feijão, batata, entre outras culturas, e não produzir carvão.

Ela é exemplo disso. Para sobreviver depende de uma das filhas que ainda tem forças para produzir o carvão. "Estávamos habituadas a tirar tudo da machamba (couve, milho, tomate, feijão, etc.) mas agora não temos nada. Limitamo-nos a limpar os campos e ficar à espera da chuva", lamentou.

A fonte pede a quem de direito para que construa represas para garantir a retenção da água de modo a se evitar que nos próximos anos a população sofra por falta de água para irrigar os campos.

Falta mercado

ENQUANTO as mulheres de Magude choram por falta de água para a agricultura, algumas de Moamba

dade para limpar a terra. Contudo, rendem pouco, pois alugam uma viatura para levar os produtos ao

gado, devido à escassez da água. Queixam-se de perder culturas não só por causa da falta de água, mas também porque são consumidas por animais (bois e cabritos) que invadem as machambas.

"Saio de casa (vila de Magude) às 4.00 horas e chego à machamba (localidade de Mulemane) às seis da manhã. Trabalho até

Carolina e camponeses, desde a juventude. Criou os sete filhos com os frutos que colhia da machamba. Porém, nos últimos anos ela revela passar dificuldades para se sustentar porque não tem meios para tirar a água do rio e irrigar os campos.

Desde que é agricultora esta idosa diz que nunca recorreu a nenhum empréstimo financeiro

Falta mercado

ENQUANTO as mulheres de Magude choram por falta de água para a agricultura, algumas da Moamba, como Maria de Fátima Fabião, lamentam não ter meios para a venda de produtos que conseguem

idade para limpar a terra. Contudo, rendem pouco, pois alugam uma viatura para levar os produtos ao mercado.

"Na associação somos 275, na sua maioria mulheres. Plantamos



Maria Fabião pede mercado para venda de produtos na Moamba

tirar da machamba.

Membro da Associação Regadio do Bloco 1, Maria de Fátima diz que este ano produziram em grande escala a batata-reno mas tiveram dificuldades na comercialização. "A nossa maior dificuldade é o acesso ao mercado para a venda dos nossos produtos. Quando levamos os produtos ao Mercado Grossista do Zimpeto saímos sem o rendimento desejado porque os revendedores é que ditam o valor da compra", lamentou.

Para produzir a batata estes agricultores dizem que investem muito em meios de trabalho, como por exemplo o aluguer do tractor e a compra de insumos de quali-

batata-reno, pimento, milho, tomate e feijão-verde. Plantamos a batata-reno uma vez por ano. Em um hectare, quando temos adubos, conseguimos 17 toneladas", comemorou.

Este ano, segundo a fonte, a comercialização ficou mais facilitada, pois os clientes é que se dirigiram à machamba para a compra da batata.

Encontrámos esta mulher na exposição de produtos agrícolas em Magude, no Dia Internacional da Mulher Rural. Revelou-nos que a associação tem tido ajuda de extensionistas no combate às pragas e transferência de tecnologias de produção.

Terra só para quem produz

O GOVERNO da Província de Maputo fará tudo o que for necessário para garantir que a população faça o uso da terra para acabar com a fome e a pobreza.

A garantia foi dada sábado último pelo governador local, Raimundo Diomba, falando no âmbito do Dia Internacional da Mulher Rural. Diomba explicou que estão

sendo reforçadas medidas para obrigar aos cidadãos que têm licença para o uso da terra a aproveitá-la, de facto, para produzir. "Se não conseguirem então

teremos de tirar o direito a esses cidadãos e dar a outros que necessitam da terra para acabar com a fome. Não podemos sofrer enquanto temos terra", disse.

O governador fez saber que o Executivo local está ciente das dificuldades que a população de Magude tem tido devido à escassez da água, resultante da falta da chuva, tendo explicado que a Organização Internacional de Migração tem apoiado no fornecimento de água no posto administrativo de Mahele.

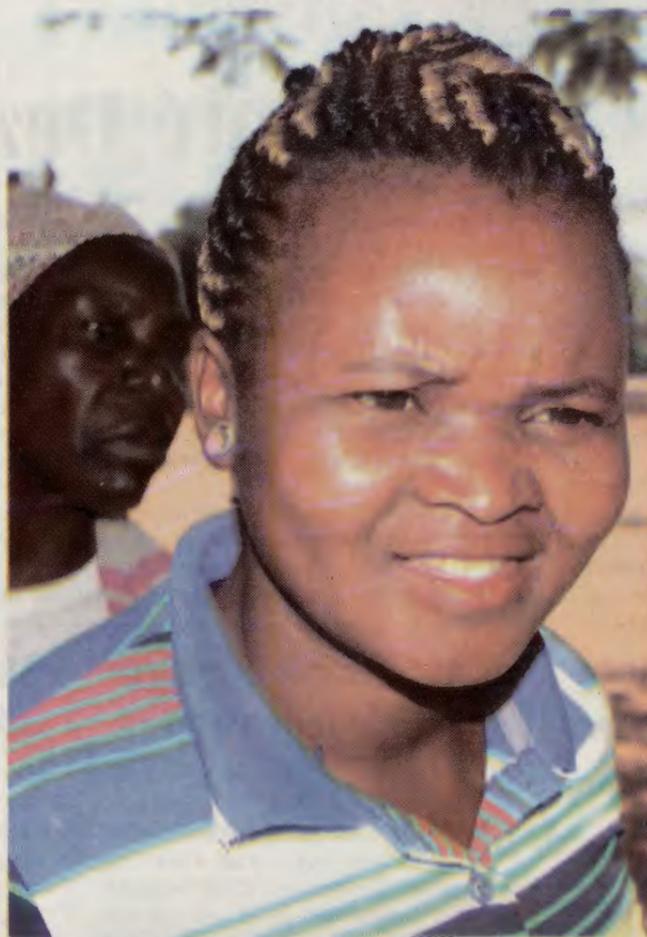
O dirigente convidou aos moçambicanos que têm condições para abertura de furos de água para que o façam, de modo a ajudar às comunidades que mais necessitam do precioso líquido.

Enalteceu o trabalho que tem sido feito pelas mulheres rurais para satisfazer as necessidades básicas da família, recorrendo não só à agricultura, como também à exploração e venda sustentável dos recursos naturais proveniente da pesca, caça e plantas medicinais.



Primeira-Dama apreciando produtos de Carolina Cossa, em Magude

De agricultora a parteira



Angélica Nhaca feliz com o trabalho de parteira tradicional

ANGÉLICA Nhaca, 34 anos, é uma jovem que se dedica à produção familiar, mas este ano iniciou o trabalho de parteira tradicional, depois de ser formada na Saúde para saber aconselhar as famílias e mulheres grávidas a recorrer à unidade sanitária para beneficiar de cuidados médicos.

Disse que em tempos as mulheres levavam muito tempo grávidas sem fazer o pré-natal e algumas só se dirigiam à unidade sanitária faltando apenas um mês para o parto. "Fiz palestras na comunidade e expliquei os perigos que isso representa para a mãe e para o bebé, pois a progenitora pode ter uma doença que poderá passar para o bebé caso não seja tratada, ou ainda ela morrer durante o parto por falta de sangue", explicou Angélica.

Fez saber que com o trabalho que ela e outras parteiras tradicionais têm feito nas comunidades muitas mulheres grávidas já se dirigem ao hospital para o pré-natal.

"Quando fico a saber que há uma mulher grávida na zona vou à sua casa e explico as vantagens de fazer o pré-natal. Levo-lhe à unidade sanitária e vou acompanhando a evolução da gravidez até ao parto no hospital. Iniciei o meu trabalho este ano, mas já assisti a cinco partos. Nenhuma

teve complicações", comemora a nossa interlocutora.

Ela diz que faz o trabalho de parteira tradicional não só pelo incentivo monetário que ganha, mas pelo dever de querer ajudar as mulheres a recorrer a partos institucionais.



Margarida Ubisse pede represas para reter a água



Houve dança para animar o Dia Internacional da Mulher Rural